

Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, por ocasião da audiência com embaixadores africanos

Palácio do Planalto, 25 de maio de 2007

Embaixador Martin Mbarga Nguete, embaixador da República de Camarões e decano dos embaixadores africanos acreditados em Brasília,
Senhores e senhoras embaixadores,
Ministro Celso Amorim, ministro das Relações Exteriores,
Nossa querida ministra Matilde Ribeiro, secretária especial de Políticas de Promoção de Igualdade Racial,
Meu companheiro Marco Aurélio,
Meus amigos da imprensa,
Meus caros amigos embaixadores africanos em Brasília,

É um grande prazer recebê-los aqui, no momento em que comemoramos o Dia da África.

Logo após minha investidura no primeiro mandato, me reuni com os embaixadores da África para conhecer seus sentimentos e sugestões sobre o estado e as perspectivas das relações entre os países africanos e o Brasil.

Reiterei, naquela ocasião, o que havia sido minha promessa durante a campanha eleitoral de 2002: minha disposição de fazer de nossas relações com a África uma das prioridades de nossa política externa.

Com a ajuda dos senhores e o apoio de seus governos, essas relações tiveram uma evolução muito significativa nos últimos quatro anos.

Quando nos reunimos pela primeira vez havia 15 embaixadores africanos acreditados em Brasília. Hoje são 24 e, segundo fui informado, outras embaixadas devem ser abertas proximamente.

Atualmente, o grupo africano é o segundo maior no corpo diplomático, em Brasília, e muito em breve poderá ser o primeiro.

Nos quatro primeiros anos de meu governo reabrimos embaixadas desativadas no passado e inauguramos representações diplomáticas e um consulado-geral, totalizando 13 novos postos. Hoje, temos 30 embaixadas e

dois consulados-gerais no continente africano.

O Brasil está empenhando todos os esforços para o aprofundamento das relações com a África. Tive o prazer e a alegria de visitar 17 países da África. Ainda em 2007, espero poder ampliar esse número de visitas, fazendo novas viagens a países do continente.

O Brasil já participa do desenvolvimento africano com investimentos, créditos, cooperação e intercâmbio tecnológico. Estamos contribuindo para que se acelere o renascimento do continente, hoje em curso, até porque queremos ser sócios e queremos ser parceiros.

No campo da cooperação, estamos elaborando uma pauta fortemente inspirada no desejo de promover o desenvolvimento social e voltada para a construção de sólida parceria em temas como agricultura, saúde, educação e energia.

Privilegiamos a capacitação de profissionais, de modo a contribuir para que os africanos construam seu próprio futuro e escolham suas próprias opções de desenvolvimento.

Acredito que a oferta brasileira de cooperação na área dos biocombustíveis sintetiza bem o tipo de parceria que queremos construir com a África. Uma parceria capaz de produzir benefícios amplos e duradouros, com a criação de empregos, geração de renda, transferência de tecnologia e de conhecimento, desenvolvimento agrícola e industrial, abastecimento energético e proteção do meio ambiente.

Espero que para essas questões e todas as demais que envolvam nossa cooperação no setor agrícola, possa contribuir a abertura da representação da Embrapa que fizemos em Gana.

Também estamos avançando para um novo patamar nas trocas comerciais bilaterais. Entre 2003 e 2006, nosso intercâmbio aumentou 153%, com um incremento de 160% das exportações brasileiras e de 146% das importações provenientes da África.

Ainda há muito por fazer, sobretudo para equilibrar os fluxos comerciais, mas penso que o mais importante já vem acontecendo: nossos empresários estão descobrindo o potencial do intercâmbio. Sabem que ainda existe muito por explorar, inclusive em termos de investimentos e de operações conjuntas.

Outra de nossas grandes conquistas foi despertar o interesse das

companhias aéreas para a necessidade de linhas diretas entre o Brasil e o continente africano. Essas novas pontes sobre o Atlântico permitirão potencializar o crescente dinamismo de nossas trocas comerciais e turísticas. Como tenho repetido em diversas ocasiões, não se pode falar em integração e cooperação Sul-Sul se não conseguimos ir do Brasil à África sem fazer escala na Europa.

E essa dificuldade é partilhada pelos demais países da América do Sul, parceiros com os quais compartilhamos iniciativas de integração e de diálogo com a África e com grupos de países africanos, seja por intermédio do Mercosul, seja por intermédio da Unasul.

Caros amigos,

O Brasil e os países africanos defendem posições comuns no cenário internacional. Sabemos que os esforços de democratização não devem ficar restritos ao plano doméstico. Para concretizar nossos projetos nacionais de desenvolvimento, temos que democratizar as instâncias decisórias internacionais. O Conselho de Segurança será incapaz de enfrentar os novos desafios à paz e à segurança, enquanto continuar a excluir da categoria de membros permanentes regiões inteiras do mundo em desenvolvimento.

Nossos interesses econômicos e comerciais também serão melhor defendidos se privilegiarmos a coordenação e o diálogo, a exemplo do que fazemos atualmente na Organização Mundial do Comércio.

Caros Embaixadores,

Gostaria de encerrar reiterando o que tenho afirmado constantemente: a ênfase que temos dado às nossas relações com a África é, em grande medida, o reconhecimento da contribuição que esse continente irmão deu à formação do nosso Brasil. Em cada momento de nossa história econômica, social, política e cultural são inúmeras as marcas da presença africana. Em nossa pele, em nossa alegria, em nossa culinária, em nossa música, enfim, em tudo aquilo que muitos chamam de civilização brasileira se sente a presença marcante daqueles milhares de homens e mulheres que para cá vieram, forçados pelo tráfico escravo. Estamos tentando resgatar essa dívida histórica.

Saibam, caros embaixadores, que o Brasil tem um enorme orgulho da presença africana em nosso País e de sermos o país que tem a segunda maior população negra do mundo. Que nossos laços de sangue, história e cultura

sigam consolidando nossa amizade e a de nossos povos. É preciso que assim seja para que, cada vez mais, possamos ter dias como este, em que celebramos a irmandade entre a África e o Brasil.

Meus amigos e amigas embaixadores e embaixadoras aqui presentes,

Este é um dia gratificante para nós. Ao invés do Celso Amorim e de mim, poderia ter feito o discurso a nossa companheira Matilde, que representa com muita dignidade aquilo que nós tentamos, internamente, provar como acerto da nossa política externa em relação à África. De nada adiantaria toda a nossa relação com o continente africano se, internamente, nós não tivéssemos criando políticas especiais para resgatar a dignidade da nossa população negra, historicamente marginalizada, historicamente quase segregada do alcance dos benefícios do crescimento econômico, dos benefícios dos avanços educacionais, dos avanços tecnológicos.

Estamos fazendo isso com a convicção de que não estamos fazendo nenhum favor, estamos apenas fazendo um pouco do resgate de uma história da qual não nos orgulhamos, porque se dependesse da nossa geração, nós não teríamos feito os negros de escravos, aqui no Brasil e em outros países da América Latina e do mundo. Por mais que façamos, quatro anos é muito pouco, oito anos é muito pouco, quem sabe 30 anos seja pouco para que a gente possa resgatar isso. E quem sabe, nunca consigamos resgatar definitivamente a história na sua plenitude, dando à população negra do nosso continente, aos afro-descendentes, as conquistas a que eles têm direito.

Entretanto, eu penso que estamos dando passos extraordinários. Primeiro, porque criamos na consciência da imprensa brasileira, da intelectualidade brasileira, dos empresários brasileiros, dos políticos brasileiros, dos sindicalistas brasileiros, que não é possível olhar para o mundo sem enxergar a África, não é possível olhar para a Europa, para a Índia, para a China, olhar para o Oriente Médio, sem que a gente perceba que entre nós e a Europa tem algo muito grande, tem mais de 50 países, que têm mais de 1 bilhão de habitantes, que daqui a 20 anos terão um 1 bilhão e 200 milhões ou 1 bilhão e 300 milhões de habitantes, portanto, nós temos que olhar, enxergar, sentir e construir, junto com os países africanos, qual o futuro que queremos para nós no século XXI.

Duas coisas me chamam a atenção. Primeiro, é preciso que a gente

tenha paz no continente africano. A paz é a única possibilidade que temos de construir o desenvolvimento. A guerra, ela não possibilita o crescimento econômico, a guerra não possibilita o desenvolvimento educacional, não possibilita o desenvolvimento tecnológico. Ela possibilita injustiças. E ninguém, em sã consciência, fará qualquer projeto de investimento num país que está em guerra. Aliás, a guerra destrói aquilo que os homens e as mulheres constróem. Com a paz garantida em vários países africanos, fica muito mais fácil a gente pensar a África para o século XXI. Da mesma forma que temos que pensar a América do Sul e a América Latina para o século XXI. E a opção, para mim, é clara: se nós queremos continuar pobres como fomos no século XX ou se nós queremos crescer e melhorar a vida da nossa gente no século XXI. E digo isso porque o Programa de biocombustíveis que inauguramos aqui no Brasil, há dois anos e meio, é um programa que, embora tenha sido começado no Brasil, tem a cara da África. E eu vejo no Programa de biocombustíveis a grande possibilidade de países africanos, que não têm petróleo, terem a possibilidade de atender o mundo desenvolvido com energia renovável, energia limpa, energia geradora de milhões de empregos. Servir e atender o mundo desenvolvido que, obrigatoriamente, vai ter que contribuir para a despoluição do Planeta.

Além disso, nós temos provocado os empresários brasileiros a conhecerem melhor o continente africano, não apenas para vender ou para comprar, mas para construir, junto com parceiros africanos, o crescimento das suas empresas e o crescimento da produção industrial com alto valor agregado que, no fundo, no fundo, é o que ajuda os países a se desenvolverem.

Posso dizer a vocês que o Brasil pode fazer muito mais do que já fez. Eu acho que a primeira fase difícil nós já superamos, que foi a fase do preconceito. “O que o presidente Lula vai fazer na África? Porque tantas viagens à África? O que os africanos podem comercializar? Porque o presidente Lula não vai para a Europa, não vai para o Japão, não vai para a China?” Porque durante o século passado se construiu a mentalidade de que o Brasil tinha que ter uma relação de subordinação com as economias ricas, e não uma relação política, cultural, comercial, industrial com os países pobres, para que o Brasil pudesse passar para eles aquilo que foi o aprendizado acumulado nos nossos 500 anos de história.

E que outro país do mundo poderia ter essa percepção, senão o Brasil? Um país que tem, em tudo que nós olharmos, a cara da África, a alegria do nosso povo, a música brasileira, o carnaval brasileiro, a religião brasileira. Tudo que a gente olha tem um toque africano. E que país do mundo, então, poderia ter essa vocação de se aproximar da África mais do que o Brasil? Nenhum. Até porque o Brasil não tem vocação imperialista. E o Brasil não quer ter vocação hegemônica, o Brasil quer ter vocação de parceria, construir junto aquilo que precisa ser construído.

E quando eu digo que o Brasil pode fazer muito mais, é porque eu ainda tenho alguns sonhos com a África, que não foram construídos ainda. Por exemplo, desde 2003 eu fico pensando em construir uma universidade em que a gente possa ter, aqui, os africanos, os latino-americanos e os brasileiros, como se fosse uma espécie de universidade de integração dos povos do continente africano e da América do Sul.

Eu, por exemplo, fico imaginando que nós poderíamos levar a Fiocruz, que é um instituto de pesquisa tecnológica na área de fármacos, muito importante na área de saúde, poderia montar, como a Embrapa montou em Gana, um escritório ou um departamento da Fiocruz em um país africano.

Eu me lembro que fizemos, com o presidente Bush, um acordo para que a gente possa acabar com a malária em São Tomé e Príncipe. Começamos a discutir com o Tony Blair, começamos a discutir com o Bush, a possibilidade de juntos fazermos parceria para projetos de biocombustíveis em algum país africano. E nos próximos dias estarei fazendo uma reunião aqui com as empresas de aviação brasileira, para que comecem a pensar em linhas de integração com o continente africano. Porque, se não for assim, nós teremos muito mais trabalho e a integração será muito mais difícil.

O Brasil, como o país que tem uma economia maior, tem que ter atitudes mais ousadas para que a vontade política da integração se concretize definitivamente.

Eu penso, meus caros embaixadores e embaixadoras, que temos muito trabalho pela frente. Nós queremos que um dia todos os países africanos tenham embaixada no Brasil, como nós queremos, um dia – que não estará muito longe – ter embaixadas em todos os países africanos. Mas, mais do que termos embaixadas, é preciso que a gente tenha meios concretos de

contribuição para que o Brasil e os países africanos, a América do Sul e o continente africano, possam crescer de forma harmônica, de forma que as parcerias sejam construídas de acordo com a vontade dos povos africanos e do povo latino-americano.

Quero parabenizar todos vocês, que transmitam aos seus dirigentes, aos seus presidentes, nos países que representam, o meu carinho fraternal na comemoração deste Dia da África.

Muito obrigado.